



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

ADRIANA GOMES

**O MARIDO DA ADÚLTERA:  
CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DA OBRA DE LÚCIO DE  
MENDONÇA**

---

Londrina  
2013

ADRIANA GOMES

**O MARIDO DA ADÚLTERA:  
CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DA OBRA DE LÚCIO DE  
MENDONÇA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Departamento de História da  
Universidade Estadual de Londrina, como  
requisito parcial à obtenção do título de  
Licenciatura em História.

Orientador: Profa. Dra. Célia Regina da  
Silveira

Londrina  
2013

ADRIANA GOMES

**O MARIDO DA ADÚLTERA:  
CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DA OBRA DE LÚCIO DE  
MENDONÇA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Departamento de História da  
Universidade Estadual de Londrina, como  
requisito parcial à obtenção do título de  
Licenciatura em História.

Orientador: Prof. Dr.Célia Regina da Silveira

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Dra.Célia Regina da  
Silveira  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof. Dra.Silvia Cristina Martins de Souza e  
Silva  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof. Dr. Wander de Lara Proença  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_.



Dedico este trabalho a Deus e meus pais.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a minha orientadora Prof. Dra. Célia Regina da Silveira não só pela constante orientação neste trabalho, mas também por sua atenção e dedicação, minha gratidão e admiração!. Por sua sabedoria e por acreditar neste trabalho.

A Prof . Dra. Silvia Cristina Martins de Souza e Silva e ao Prof. Dr. Wander de Lara Proença por aceitarem participarem da banca examinadora deste trabalho.

Gostaria também de agradecer minha família pelo apoiou dado em todos os momentos de adversidades. E a Deus por ter sido meu consolo em todos os momentos.

Agradeço também a família que eu pude construir ao longo desses quatro anos de muitas lágrimas e muitos sorrisos, meus amigos que sempre estarão presentes em meu coração.

**Defeitos não fazem mal quando há vontade  
e poder de os corrigir.**

**Machado de Assis**

GOMES, Adriana. **O Marido da Adultera**. Considerações a respeito da obra de Lúcio de Mendonça. 2013. 42fls. Trabalho de Conclusão de Curso História – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

**Resumo:**

Esta monografia tem como objeto de estudo o romance *O Marido da Adultera*, de Lúcio de Mendonça (1854-1909), publicado em folhetim no jornal *O Colombo* (MG), em 1881. O autor desse romance – um dos principais literatos brasileiros, reconhecido em sua época – constrói um enredo voltado principalmente para instruir mulheres: público alvo de sua narrativa.

A análise do romance será efetuada em três esferas. Na primeira iremos analisar a escrita da obra, ou seja, de onde, o que, e a quem o autor quer transmitir suas ideias. Na segunda, ocupar-se-á do texto em si, mostrando qual é o assunto tratado na narrativa e de que maneira o concebe. E por último, o foco reside na recepção do romance, tendo como base as leituras efetuadas por seus coetâneos, pretende-se inseri-lo no horizonte de expectativa de sua época.

**Palavras-chave:** Literatura, História, Romance-Folhetim, Lúcio de Mendonça.

GOMES, Adriana. **O Marido da Adultera**. Considerações a respeito da obra de Lúcio de Mendonça. 2013. 42fls. Trabalho de Conclusão de Curso História – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

### **ABSTRACT**

This monograph has as its object of study the novel “O Marido da Adultera”, Lucio de Mendonça (1854-1909), published in the broadsheet newspaper *O Colombo* (MG), in 1881. The author of this novel - a leading Brazilian writers, recognized in his time - builds a plot aimed primarily to instruct women: target of his narrative.

The analysis of the novel will be made in three spheres. At first we will analyze the writing of the work, i.e, where, what, and to whom the author wishes to convey his ideas. In the second, it will take the text itself, showing what the subject is treated in the narrative and how the designs. And lastly, the focus lies on the reception of the novel, based on the readings taken by their peers, we intend to enter it into the horizon of expectation of his time.

**Key words:** Literature, History, Romance-Folhetim, Lucio Mendonca.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>CAPÍTULO 1 - Consideração a respeito do surgimento do romance: romance folhetim e o romance epistolar.</b>	
1.1. Romance: Nascimento de um gênero.....	12
1.2. Uma receita de sucesso: Criação do romance folhetim.....	13
1.3. O folhetim no Brasil.....	16
1.4. A presença dos folhetins franceses na composição das tramas dos folhetins nacionais.....	17
1.5. O jornal enquanto personagem do folhetim <i>O marido da adúltera</i> .....	19
<b>CAPÍTULO 2 - Análise da trama do romance <i>O marido da adúltera</i></b>	
2.1. Principais questões desenvolvidas na obra de Lúcio de Mendonça.....	22
2.2. Caráter Pedagógico-Moral do Romance o Marido da Adúltera.....	27
<b>CAPÍTULO 3 - A Recepção da Obra</b> .....	31
3.1. Concepções a respeito do autor, obra e construção do público leitor.....	32
3.2. Significado de Lúcio de Mendonça e de sua obra na época da produção do romance.....	35
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	40
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	41

## Introdução

Para o Trabalho de Conclusão do curso de História, foi escolhido como objeto de estudo uma produção literária. Utilizá-la como fonte histórica nos é pertinente, pois se trata de uma expressão artística e social e, ao mesmo tempo, de uma representação capaz de intervir na sociedade. Portanto, objeto de produção do conhecimento histórico.

A fonte escolhida para análise é um romance escrito por Lúcio Eugênio Vasconcelos Drummond Furtado de Mendonça (1854-1909), ou simplesmente Lúcio de Mendonça. Apesar de ter sido “silenciado” da memória histórica, desempenhou uma atuação prolífica em sua época. Foi um dos idealizadores da Academia Brasileira de Letras, renomado poeta, jornalista, tradutor, polemista e romancista. Enfim, um homem de letras da segunda metade do século XIX.

Do conjunto da produção do autor, elegeu-se o romance *O Marido da Adúltera*, que saiu sob a forma de folhetim no jornal *O Colombo* (MG), em 1881. Essa narrativa literária será enfocada, nesta monografia, a partir de três eixos de estudo, que serão desenvolvidos nos três capítulos que a compõem.

No primeiro capítulo, iremos analisar a escrita da obra, ou seja, de onde, o que, e a quem o autor quer transmitir suas ideias. Levando em conta que veio a lume no rodapé do jornal mencionado, buscar-se-á inseri-lo na produção folhetinesca do Brasil oitocentista. Para tal, fez-se necessário situar historicamente o romance folhetim e, como ele se tornou, o gênero mais apreciado entre os leitores do século XIX, tanto na Europa quanto no Brasil.

Neste capítulo, portanto, coloca-se em foco as relações entre o jornal e o romance folhetim. Pode-se, afirmar, que sem o jornal os folhetins certamente não alcançariam a consagração que receberam entre o século XIX e XX. Porém, não é possível afirmar quem mais se beneficiou dessa relação, já que foi por meio dos folhetins, que os jornais conseguiram aumentar suas tiragens e, respectivamente, seu público leitor.

No segundo capítulo, a análise se volta para a narrativa literária, mostrando o assunto focado no romance e como é desenvolvido pelo autor. Examinar-se-á, como Lúcio de Mendonça trabalha assuntos relacionados à postura da mulher perante a sociedade em que vive, a partir de uma perspectiva patriarcal oitocentista. Com um romance “moralista”, o objetivo de Lúcio de Mendonça, é transmitir por

meio do enredo, dos personagens e do desfecho inesperado, a ideia de como as mulheres não deveriam se portar. Laura – protagonista da narrativa – seria a personagem que toda mulher digna e honrada não deveria seguir. Com esse direcionamento, sublinha-se, o desfecho não convencional da narrativa: o suicídio do traído; pois, diversas obras literárias do século XIX tiveram como tema a traição feminina, em que no final da trama o comum é o traído matar a adúltera e seu amante, a fim de vingar-se.

Entretanto, na obra *O marido da adúltera*, quem morre é o traído, na qual a personagem acreditava que se matando, estaria punindo a adúltera e seu amante com a morte mais cruel que a física, a morte social.

E por fim, no terceiro capítulo, tendo como base as leituras e repercussões que o romance gerou, coloca-se em foco a instância da recepção, com o objetivo de mostrar o seu significado histórico. Para tal, valemo-nos do instrumental analítico da estética da recepção, de Hans Robert Jauss<sup>1</sup>, que nos permitiu refletir em torno dos mecanismos de classificação e consagração das obras, como por exemplo, analisar como autores conhecidos em suas épocas se tornaram anônimos para as sociedades posteriores, e, o inverso, como autores que não possuíam nenhum prestígio para a sua sociedade encontram em períodos subsequentes o reconhecimento de suas obras e ideias.

Por conta dos poucos estudiosos que se propuseram a analisar a obra e vida de Lúcio de Mendonça, pouco se sabe sobre a recepção de suas obras, principalmente a crítica feita a seu único romance acabado *O Marido da Adúltera*.

Ao longo das investigações para a composição deste trabalho, encontramos críticas que tratavam a respeito da vida e das obras poéticas do autor; porém, sobre o romance encontramos apenas uma nota de jornal parabenizando Lúcio de Mendonça pela obra e, enfatizando, a ideia de que o modo como o autor termina seu romance seria bastante inesperado e surpreendente.

Nesta última parte do trabalho, portanto, aventa-se a hipótese de que o romance de Lúcio de Mendonça e o seu desfecho, proporcionou um alargamento no horizonte de expectativa dos leitores, que se depararam com um final inusitado, distante do que eles estavam acostumando a ler. Segundo Robert Jauss, é por meio do horizonte de expectativa que o leitor irá receber ou não uma obra, e, para que

---

<sup>1</sup> JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. Sérgio Tellarolli. São Paulo: àtica, 1994.

uma obra se torne “obra-prima” para sua época ou para a posteridade, ela deve possuir elementos que façam sentido para diferentes contextos sociais.

## CAPÍTULO 1

### CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DO SURGIMENTO DO ROMANCE: ROMANCE FOLHETIM E O ROMANCE EPISTOLAR.

#### 1.1 – Romance: Nascimento de um gênero.

Segundo Souza<sup>2</sup> o romance surgiu na Idade Média, com o romance de cavalaria, mas é somente no final do século XVIII que acaba consagrando-se como um gênero da literatura bastante apreciado pelos leitores.

O sucesso desses “romances modernos” só foi possível, por serem fruto do seu tempo, eles florescem em um momento histórico social europeu, no qual a ascensão da burguesia transformara esses romances em mercadorias. Eles eram escritos por burgueses, para burgueses e tratavam de assunto de interesses burguês.

Para Souza, no romance burguês buscava-se a valorização da vida íntima das personagens, lutando para que as subjetividades fossem expressas nas falas e atitudes, e o aprofundamento psicológico, componente que não faziam parte da escrita do romance medieval.

No romance, temos uma civilização já industrial, que explora e elimina, enriquece ou empobrece e aprisiona os seres a sua condição, tendo o lucro como principal foco. Nasce os conflitos individuais, a revolta e a luta interior de uma sociedade que opõe os objetos individuais aos sociais, pois os anseios do indivíduo não são os mesmos da sociedade.

Segundo Augusti<sup>3</sup> esse estilo de narrativa antes de cair nas graças da classe burguesa européia, criou-se uma polêmica em torno dos efeitos que sua leitura poderia provocar.

---

<sup>2</sup> SOUZA, Ariane Carvalho. **Presença do Naturalismo Francês no Romance Epistolar: O Marido da Adúltera de Lúcio de Mendonça**. 2012. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências e Letras de Assis. UNESP. SP. 2012.

<sup>3</sup> AUGUSTI, Valéria. O caráter pedagógico-moral do romance moderno. **Cadernos Cedex**, no 51, novembro/2000, pg. 89-102.

Por conta dos romances retratarem cenários familiares ao leitor, apresentar personagens que poderiam existir na vida real, ele causou certo estranhamento aos adeptos de um estilo literário, que não priorizava a subjetividade.

O fato das semelhanças existentes entre o universo da ficção e a realidade fez com que os leitores, não raro, tivessem dúvidas sobre o caráter ficcional dessas narrativas.

Acreditava-se que as histórias contadas pelos romances eram fatos reais, a ponto de alguns moralistas, publicarem matérias em jornais europeus, condenando os autores de folhetins por incentivarem mulheres a traírem seus maridos e homens a entrarem nos vícios, por conta de alguns leitores gostarem tanto das personagens a ponto de tentar imitá-las. Para além dos perigos que o romance moderno representava aos leitores, de acordo com Augusti, ele também apresentava-se como uma ameaça ao discurso dos autores de tratados moralistas:

O temor dos moralistas por certo não se devia apenas ao perigo que atribuíam à leitura de romances. O romance moderno, prestando-se à mesma finalidade que os tratados de moral, ou seja, servindo de guia de conduta dos valores e comportamentos do leitor, acabava por ameaçar a hegemonia dos moralistas entre o público leitor.<sup>4</sup>

## **1.2. Uma receita de sucesso: criação do romance folhetim.**

O romance folhetim pertence ao estilo literário romântico e, possui uma estruturação própria na forma como fora escrito e publicado, que ficou bastante conhecida por volta do início do século XIX.

Para analisarmos como o romance folhetim surgiu temos que compreender sua relação com os jornais, pois podemos afirmar que não seria possível o desenvolvimento do romance folhetinesco desvinculado dos jornais.

Segundo Marlyse Meyer<sup>5</sup> o folhetim nasce na França no início do século XIX, a princípio designava um espaço geográfico nos jornais franceses, normalmente localizados no rodapé da primeira página do jornal. Em meados do século XIX o folhetim começou a ser pensado enquanto um local no jornal onde se publica histórias, normalmente romances.

---

<sup>4</sup> Idem, p.92.

<sup>5</sup> MEYER, Marlyse. **Folhetim**: Uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996

Para Meyer no caso francês, a receita para o sucesso dos romances folhetins começou a ser preparada quando Émile de Girardin (1806 – 1881) e seu ex-sócio Armand Dutacq transformam o espaço geográfico folhetim, em um lugar de “honra”, pois em diversos outros jornais o folhetim era um local onde se treinava as narrativas. Iniciantes na vida literária escreviam seus contos e romances e, enviavam, para serem publicados no espaço reservado ao entretenimento.

Sendo assim é nos jornais *La Presse* de Girardin e *Le Siècle* de Dutacq que surgiu às primeiras estruturas do folhetim. O folhetim lançou: “A sementaria de um boom lítero-jornalístico sem precedentes e abertos a formidável descendência, vai-se jogar ficção em fatias no jornal diário, no espaço consagrado ao folhetim valeduro”.<sup>6</sup>

Em 1840 na França a receita está pronta. Conforme assinala Souza

[...] corte, suspense e redundância; elementos que despertam no leitor o desejo do “querer saber”. A redundância precisava existir, neste momento, devido ao fato do leitor não poder ter dúvidas sobre a história que estava sendo contada; todos os pontos deveriam ser esclarecidos e, por isso, tornava-se comum a retomada.<sup>7</sup>

Deste modo, o folhetim torna-se um gênero específico de romance, que caiu, portanto nas graças do público e, dos donos de jornais e editores da época, por ter se tornado uma mercadoria bastante rentável a eles.

Grande parte desse sucesso advém dos autores. Devemos, portanto, pensar quem são esses escritores que contribuíram com suas tramas, para a disseminação de um estilo de escrita que se tornou tão apreciado. E como suas tramas envolveram os leitores, a ponto desses se identificarem com suas histórias.

Na Europa, os redatores de jornais, convidavam autores que já possuíam algum tipo de “status” na sociedade de letras – autores que para nós são considerados clássicos universais – para publicarem suas histórias em seus jornais.

Alexandre Dumas (1802-1870), consagrado literato da época, a princípio, desconfiava da novidade, mas acabou por aceitar o convite e publicou seu primeiro romance-folhetim em 1838. Com *O Capitão Paulo*, Dumas se tornou um dos principais escritores de romance-folhetim nos jornais franceses. Este romance foi o primeiro folhetim traduzido do francês a sair no *Jornal do Commercio*, do Rio de

<sup>6</sup> Idem, p. 59.

<sup>7</sup> SOUZA, Ariane Carvalho. Op. cit., p. 24.

Janeiro. De acordo com Meyer “Dumas descobre a essência da técnica de folhetim, pois mergulhava o leitor in media res, diálogos vivos, personagens tipificados, e tem senso do corte de capítulo”.<sup>8</sup>

Muitos literatos foram lançados por meio dos folhetins, pois os jornais encaravam os romances como uma mercadoria bastante rentável. Sendo possível cobrir os gastos que um escritor novo poderia produzir, enquanto era quase impossível que editores de livros, pudessem arcar com as despesas de lançar um jovem escritor desconhecido.

Levando-se em conta o grande poder de influência que o folhetim passou a ter, realça-se a importância de seu caráter didático, pois a cada dia aumentava consideravelmente o número de leitores, que não tinham acesso a outros tipos de literatura. Influenciados e “formados” pelas ideologias disseminadas nos enredos dos folhetins e, principalmente, pela personalidade e atitudes dos heróis, heroínas, vilões e outros lançadores de modos e modas desta narrativa.

Em *O marido da Adúltera* – romance em foco neste trabalho – Lúcio de Mendonça busca por meio da história de sua personagem Laura exemplificar, o que aconteceria com mulheres que são criadas em meio aos vícios e imoralidades sociais, certamente seu destino seria condenação social e espiritual.

Há ainda outra característica peculiar e própria do romance de folhetim, que foi o de multiplicar e difundir o gosto pela leitura numa época em que nem todos eram alfabetizados. Mas, nem por isso, deixavam de apreciar os enredos folhetinescos a partir da oitava, como nos é apresentado por Meyer:

Considerando-se o nível de analfabetismo no Brasil fica uma pergunta: até que ponto as classes populares podiam consumir os romances ditos populares que lhes eram destinados “naturalmente”? É verdade que, neste país formado pelos padrões da oralidade, onde, nos primórdios do folhetim, dominavam as famílias extensas e casas recheadas de serviçais e, mais tarde, as habitações populares coletivas, cortiços e vilas operárias, há de se levar em conta o efeito multiplicador de uma oitava coletiva durante os serões.<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> MEYER, Marlyse. Op. cit, p. 61.

<sup>9</sup> Idem, p. 382.

### 1.3. O folhetim no BRASIL

A chegada da corte portuguesa no Brasil em 1808, não só colocou a liberdade de comércio, mas também criou as condições para o desenvolvimento cultural, com a criação de tipografias e de periódicos, principalmente no Rio de Janeiro. Na década de 1830 quase que, simultaneamente a sua criação na França, o romance-folhetim começou a ser publicado nos jornais da corte. Paris – capital do século XIX – representava um modelo de civilidade, e o romance-folhetim francês, conforme assinala Alencastro:

O folhetim aporta no Brasil como um dos itens da última moda em Paris, e passa a “ditar” costumes e modos, já que, ali, “desenhava-se a representação de uma sociedade rural francesa que aparecia como um paradigma de civilidade para a sociedade tropical e escravagista dos campos do Império.”<sup>10</sup>

O gênero passou a fazer parte da vida dos leitores brasileiros, já que obteve ampla aceitação por aqui e encontrou, nos precursores nacionais, colaboradores que passaram a escrever e a atender esta nova modalidade de publicação que tanto influenciou os costumes da época.

Tanto na França – onde nasceu – quanto no Brasil, o romance folhetim alcançou proporções extraordinárias, passando a compor o cotidiano e o imaginário dos leitores. Este fenômeno se deu simultaneamente à abertura e publicação de jornais, não sendo possível distinguir quem mais se beneficiou da importância do outro.

Para os autores, apesar das dificuldades iniciais com a novidade na forma de publicar as estruturas folhetinescas, foram pouco a pouco sendo assimiladas como estratégia apelativa a ser usada na construção dos romances. A cada final de capítulo tornava-se inevitável a dúvida: “E agora, o que é que vai acontecer?”. Assim, ao aguçar a curiosidade do público leitor, garantia a vendagem e aumentava o número de assinantes.

---

<sup>10</sup> ALENCASTRO, Luiz Felipe de. “Vida Privada e ordem Privada no Império”. In: NOVAES, Fernando (Org.). **História da vida privada no Brasil: Império**. São Paulo, Companhia das Letras, 1997, v. 2, p. 44.

Desta forma, sempre que se finalizava um capítulo, o enredo alcançava um momento culminante. O texto era interrompido propositalmente, a fim de manter o suspense e a expectativa dos próximos acontecimentos. Caso o leitor quisesse saber o desfecho da história, precisava comprar a edição do dia seguinte, quando sairia publicada a continuação.

Muitas vezes, o sucesso comercial do jornal dependia dessa estratégia, uma vez que os leitores, curiosos pelo desenrolar dos fatos, se tornavam assíduos compradores dos periódicos.

Inicialmente configurado como uma simples técnica de publicação de histórias, o folhetim alterou profundamente as características do romance enquanto gênero literário, tanto em seu país de origem quanto no Brasil. Nesse último, foi fundamental, para o nascimento do romance nacional.

Como mencionado o primeiro folhetim a ser publicado no Brasil foi à obra traduzida do francês *O Capitão Paulo*, sucesso de Alexandre Dumas publicado no *Jornal do Comércio*, em 1839. A fórmula do romance folhetim que fora criada na França atravessa o Atlântico, e no Brasil se reformula para se adaptar as preferências e gostos dos leitores locais.

Segundo Meyer, normalmente os primeiros folhetins publicados nos periódicos brasileiros eram traduções de romances franceses. Esses folhetins, muitas vezes, eram inéditos. Sendo acompanhados tantos pelos leitores franceses como pelos brasileiros, os franceses estariam à frente em alguns capítulos do público brasileiro, por conta do processo de tradução e de sua chegada aos jornais locais.<sup>11</sup>

Aos poucos as obras produzidas pelos escritores locais, foram ganhando espaço nos jornais brasileiros. Os enredos desses romances, muitas vezes, eram similares aos enredos franceses, sendo adaptados a realidade cultural brasileira oitocentista.

#### **1.4. A presença dos folhetins franceses na composição das tramas dos folhetins nacionais.**

---

<sup>11</sup> Ver: MEYER, Marlyse. Op.cit.

Podemos afirmar que muitos folhetins nacionais tiveram seus enredos marcados pelas tramas literárias dos folhetins estrangeiros, principalmente os franceses. Um dos elementos presentes no folhetim francês, que fora utilizado pelos autores nacionais, era segundo Meyer.

Comum a todos, e importantíssimo, era o coração na mão, um lencinho não muito longe, o ritmo ágil de escrita que sustentasse uma leitura às vezes ainda soletrante, e a adequada utilização dos macetes diversos que amarassem o público e garantissem sua fidelidade ao jornal, fascículo e, finalmente o levasse ao livro.<sup>12</sup>

A escolha de Lúcio de Mendonça em estruturar seu texto de forma a torná-lo um romance epistolar é um dos diálogos que a produção nacional estabelecia com os folhetins franceses.

Segundo Sússekind<sup>13</sup>, a escolha por estruturar os romances no formato epistolar era tornar o enredo o mais real possível, eliminar o narrador e garantir o aspecto de não ficcionalidade da trama.

O romance epistolar foi uma forma de escrita muito apreciada na Europa no século XVIII, mas é apenas no século XIX que esse estilo de escrita chega ao Brasil. Apesar de ter se tornado uma grande novidade neste período, há muitas poucas obras e autores brasileiros que utilizaram deste estilo de linguagem.

No romance epistolar não há a presença da intervenção do narrador. Essa característica, normalmente, era utilizada pelos escritores a fim de garantir o aspecto de não ficcionalidade para a trama.

Segundo Souza no romance epistolar

[...] Várias vozes não intermediadas por um narrador chocam-se e negam-se parte a parte. Assim, com o avanço da narrativa temos também o seu retrocesso, já que os personagens desmentem-se e, acusam-se e caluniam-se, constituindo um enredo próximo a vida real.<sup>14</sup>

<sup>12</sup> MEYER, Marlyse. Op. cit., p. 303.

<sup>13</sup> SUSSEKIND. Flora. O Romance epistolar e a virada do século: Lúcio de Mendonça e João do Rio. In \_\_\_\_\_, **Papéis Colados**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

<sup>14</sup> SOUZA, Ariane Carvalho. Op. cit, p. 26.

Como poderá ser observado no capítulo seguinte, a trama do romance *O Marido da Adúltera* é construída por meios dessas vozes em contradição, criando uma enredo que prende o leitor. E faz com que seus sentimentos que outrora poderiam ser de compaixão por determinado personagem, ao decorrer do enredo acaba se transformando em ódio e repulsa.

### **1.5. O jornal enquanto personagem do folhetim *O Marido da Adúltera*.**

Pode-se afirmar que o jornal teve uma influência decisiva sobre a literatura no século XIX. A invenção do folhetim forneceu para o mundo das letras um novo estilo e novas técnicas narrativas, que resultariam no estrondoso sucesso que percorreria o mundo e ganharia o público leitor.

Segundo Souza, os primeiros jornais surgiram na Europa no século XVII. No início foram encarados pelas autoridades políticas com certa desconfiança, fosse pelo fato de ser um veículo de comunicação que pudesse incitar a populações a motins, fosse por ser um meio de comunicação acessível às diversas camadas sociais.

No Brasil, os jornais só começaram a circular com intensidade com a chegada da corte portuguesa. Mesmo já existindo algumas tipografias pelo interior da colônia, foi por meio da tipografia trazida pelo Conde da Barca que os primeiros periódicos foram publicados e disseminados.

Os jornais no Brasil foram para a elite letrada principalmente, uma ótima ferramenta, que durante a maior parte do século XIX, dela se valeram para marcar suas posições, defender suas ideias, investir contra governantes, elogiar reis e rainhas, questionar hábitos, consolidar tradições e instituições, impor novidades, difamar e desmoralizar personalidades, denunciar abusos, encobrir negociatas, e também trazer à tona talentos da literatura nacional.

Para não fugir a essa tradição de escritor jornalista ou jornalista escritor tão peculiar ao século XIX, a carreira de Lúcio de Mendonça está intimamente ligada ao jornal.

Sabe-se que, quando aluno do Colégio Pimentel, em 1864, fundou e manteve como redator e proprietário um pequeno jornal: *A Aurora Fluminense*. Em

1867, já na Corte, funda outro jornal *A Tesoura*, que é ilustrado. Na década de 1870 passa a trabalhar no jornal *A República*, como tradutor e jornalista, ao lado de Machado de Assis, José de Alencar, entre outros. Convivendo assim com várias gerações de escritores.

Depois da passagem pelo jornal *Colombo* do interior de Minas Gerais, Lúcio de Mendonça volta ao Rio de Janeiro em 1888 e funda o jornal *O Escândalo*, portavoz do caráter militante desse autor.

Com o fim desse jornal, Lúcio de Mendonça passa a trabalhar na redação de *O País* e do *Jornal do Brasil*. No Rio, estabelece contato com outros escritores, entre os quais, Olavo Bilac (1865-1918) e Raul Pompéia (1863-1895). Com Machado de Assis (1839-1908), Medeiros e Albuquerque (1867-1934) e outros, ele funda a "Panelinha", que consistia de encontros mensais, em que aproveitavam almoços e jantares para discutir interesses do ofício.

A relação que *O Colombo* possuía com a militância republicana se fazia presente no fato de o jornal ser o representante do Partido Republicano na província de Minas Gerais. Interessante pontuar que os ideais republicanos e abolicionistas eram praticados a risca a ponto do jornal não publicar assuntos relacionados à venda de escravos.

Por meio do folhetim *O Marido da Adúltera*, pode-se observar o papel que o jornal exerce na construção da trama produzida por Lúcio de Mendonça. Na leitura de Flora Sussekind, ele pode ser considerado um personagem decisivo para desenrolar da trama.<sup>15</sup>

Foi por meio do jornal que Laura – protagonista da trama – conhece Luís Marcos, onde o jovem costumava escrever alguns versos para sua amada. Um fato bastante comum na vida real, alguns jovens bacharéis iniciarem suas carreias colaborando em jornais da época. O que foi o caso do próprio Lúcio de Mendonça.

O autor transmite também a idéia de que os jornais seriam o primeiro passo para quem quisesse seguir uma carreira pública ou no mundo das letras, fato que se tornaria mais "fácil" caso o pretendente a vaga já tivesse contado com pessoas influentes do mundo das letras. Na trama do romance, Laura considera que Luís Marcos deveria seguir carreira na corte e, principalmente, estar envolvido com algum

---

<sup>15</sup> Ver: SUSSEKIND, Flora. Op. cit.

jornal ilustre, pois o jovem já possuía os pré-requisitos necessários para o sucesso no mundo das letras.

O jornal na trama de Lúcio de Mendonça seria também o porta-voz que anunciou de forma figurada a traição de Laura a Luis Marcos. É através da leitura de jornais que Luís toma conhecimento da traição da mulher.

Na estação, comprei as folhas do dia, a *Gazeta*, o *Jornal*, a tal folha dos rapazes. Na travessia fui lendo a *Gazeta*; no ferrocarril, abri o jornal, e embrenhei-me nas correspondências da Europa até que me faltou luz. A poucos quilômetros da estação terminal, abri o jornalzinho. Atraí-me o folhetim *Ângela*, assinado por um pseudônimo auspicioso; mas, à proporção que me adiantava, a leitura ia ganhando para mim um interesse terrível. *Ângela* era um feliz retrato de Laura, completo, minucioso, desenhando até um imperceptível defeito que ela tem no lábio inferior. O marido, designado apenas por doutor, era eu, visto através de um baixo ódio que eu não conhecia<sup>16</sup>.

É também pelo jornal que seu amigo se inteira da morte dele. No jornal, ele reconhece a história de Luís e identifica no pseudônimo a verdadeira autora do folhetim.

Mais que isso, o jornal era o lugar das disputas amorosas, palco dos amores impossíveis, revelados numa guerra de textos nem sempre tidos por "literários", seja através de poemas amorosos – muitas vezes em forma de carta – seja em trovas populares. Mas todos de uma forma preponderantemente marcados pelo anonimato, escondidos pelo pseudônimo, recurso utilizado por praticamente todos os escritores da época.

Portanto, pode-se, aventar que o jornal e o romance folhetim estariam indissociáveis, sendo impossível analisar quem mais se beneficiou do outro. Por meio dos jornais o romance folhetim encontrou a preferência do público leitor do século XIX. E em contrapartida por meio do folhetim, os jornais se beneficiaram com o aumento do número de assinantes, atentos ao que acontecia no mundo e nas províncias, mas esperando principalmente os novos capítulos de suas estórias prediletas.

## CAPÍTULO 2

---

<sup>16</sup> MENDONÇA, Lúcio. **O Marido da Adúltera**. RJ: Editora Três. 1974. p. 149.

## ANÁLISE DA TRAMA DO ROMANCE “O MARIDO DA ADÚLTERA.

### 2.1. Principais questões desenvolvidas na obra de Lúcio de Mendonça.

Segundo Flora Sussekind, o romance *O Marido da adúltera* faz parte do rol de obras do século XIX que foi relegada por certa história da literatura brasileira. É nosso objetivo neste trabalho trazer para o centro do debate tanto a figura de Lúcio de Mendonça – escritor importante do século XIX – como o seu romance e o papel que ele desempenhou na formulação de um gênero literário.

A trama fora publicado primeiramente no jornal *O Colombo* e, depois, de reunindo todos os recortes – capítulos – o enredo assumiu formato de livro em 1882 publicado pela tipografia de Oliveira Andrade.

Optou-se por analisar o romance sob a forma de livro, pois apesar do jornal *O Colombo* ter sido preservado e disponibilizado para consulta – por meio site do arquivo público mineiro – algumas edições do jornal não foram digitalizadas, portanto impossibilitando o acesso a todos os recortes do folhetim.

Lúcio de Mendonça atuou no jornal *O Colombo* de março de 1879 a junho de 1885. E, em 1881, foram publicados os primeiros capítulos de *O Marido da Adúltera* no rodapé desse periódico.

Como a maioria dos jornais e folhas das cidades do interior, o pequeno jornal da província de Campanha, do estado de Minas Gerais, tanto circulou por várias províncias brasileiras, como fez circular em suas páginas matérias e artigos dos principais jornais da corte e de outras províncias.

Morando em São Gonçalo, ele enviava pelo correio, o folhetim a ser publicado no jornal *Colombo*, da cidade de Campanha. Assim, o texto escrito para o jornal normalmente era fruto da urgência, redigido ao calor da hora e muitas vezes sem correção – fato que acontecia constantemente entre os escritores de folhetim.

Segundo Meyer<sup>17</sup>, era “frequente” os romances de folhetim não passarem por revisão ortográfica. Não era incomum personagens que morriam em capítulos passados reaparecerem nas estórias – não como fantasmas, mas como se não tivessem falecido.

---

<sup>17</sup> Ver: MEYER. Marlyse. Op.cit.

O romance folhetim buscava alcançar um determinado público. Sendo assim havia os romances escritos para homens, para mulheres e aqueles destinados a crianças e jovens. Segundo Hohlfeldt nos romances dedicados às mulheres, como é o caso de *O marido da adúltera*, prevalece o estilo de narrativa: "lacrimajante ou sentimental, as narrativas de 'alcova', cujo relato principal diz respeito à traição"<sup>18</sup>.

O romance em estudo é composto de 14 partes. Divididas entre as cartas que Laura escreve aos leitores do jornal e aquelas que escrevem a sua amiga Malvininha. Além das memórias do seu livro de lembranças, as correspondências do narrador Otávio ao jornal e algumas cartas de Luís que lhe chegaram às mãos.

. A narrativa tem início com a personagem Laura de M. justificando a publicação de sua história. Argumentando ser uma forma de provar aos amigos e conhecido de Luís Marcos que agora compreendia seu erro e o quanto estaria condenada pelo resto de sua vida:

Mísera de mim. Compreendo, com a tristeza que é ainda um sentimento vaidoso o que me move: não é só a necessidade irresistível de desafogar tanta angústia: é também uma remota esperança de persuadir, aos amigos dele, que cheguei a compreender, ainda que muito tarde, o homem honrado que foi meu marido – para sua desgraça sem remédio, e para meu desesperado remorso<sup>19</sup>.

Trabalhando com versões, o autor do romance apresenta no início, as cartas de Laura, onde a personagem conta os fatos que aconteceram em sua vida e, que marcaram profundamente suas ações. Ela inicia a narrativa descrevendo como teve uma educação corrompida por vícios e práticas imorais de seus familiares.

Fora enganada por seu primeiro noivo que roubara sua virgindade, portanto sua dignidade, tendo que sofrer com esse remorso até conhecer Luís Marcos. Este por amá-la, resolve proporcionar-lhe uma nova vida, afastada de todos os vícios onde crescera; porém, para o autor os vícios da educação de Laura já estariam impregnados na personagem, não podendo evitá-los de aparecerem.

---

<sup>18</sup>HOHLFELDT, Antonio. Deus escreve direito por linhas tortas. **O romance Folhetim dos Jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900**. Porto Alegre: EDPUCRS, 2003. (Coleção Memória das Letras, 12), p. 40

<sup>19</sup> MENDONÇA, Lúcio. Op. cit p. 23.

Já nas cartas do amigo confidente de Luís Marcos, Laura é apresentada como uma oportunista, onde a família de Laura encontrou nele uma forma de orientar a jovem aos caminhos de uma senhora honrada e decente. Buscando afastá-la da vida que sua irmã possuía, que não condizia com a forma como as mulheres deveriam se portar em uma sociedade patriarcal e elitista como a do Brasil oitocentista.

Luís apesar de gostar de Laura, sua paixão era por Eugenia – irmã de seu amigo – que fora obrigada a casar com um homem rico, por conta da pressão exercida por sua família.

Mesmo antes de casarem, Luis comenta por meio de cartas ao seu amigo à frieza que Laura demonstrava sentir pelo moço. Porém, nas cartas de Laura, é explicitada a paixão que a jovem demonstrava por Luís, como no momento em que ela chora, ao descobrir que seu amado poderia estar comprometido com outra mulher.

Laura justificava suas traições, na forma monótona que sua vida se transformou depois do casamento quando fora morar no interior. Queixosa por não ter a atenção que merecia de seu esposo, reclamava a sua amiga, por meio de cartas, que a maior parte dos momentos que Luís possuía livre era gasto com estudos e passeios com seu melhor amigo Otávio.

Para a personagem Laura:

Mas as horas vazias de trabalho precisavam ser cheias de outra equivalente ocupação se é que outra assim existe; e não o eram. (...) Desta falta me veio o tédio, que é caminho certo da perdição para as naturezas imaginativas, como infelizmente é minha vida <sup>20</sup>

O autor busca para compor seu romance fato que era bastante corriqueiro entre os romancistas, a inspiração em obras de autores estrangeiros, principalmente da literatura francesa, berço do romantismo e do folhetim.

Nessa direção, conforme assinala Marlyse Meyer, a estrutura do capítulo inicial, denominado por Lúcio de Mendonça "À redação do Colombo" – onde Laura pede ao redator para que publique suas cartas a fim de redimir seu pecado e, que ele servisse de exemplo para outras mulheres – reproduz o argumento do primeiro

---

<sup>20</sup> MENDONÇA, Lúcio. Op. cit p. 120

capítulo de Os dramas de Paris, de Ponson Du Terrail (1829-1871), em que o personagem escreve contando como submeteu um manuscrito ao diretor do jornal francês La Patrie<sup>21</sup>.

No romance O marido da adúltera, os mistérios do passado de ambos os personagens nortearam toda a trama. Laura esconde do marido o fato de já haver tido um relacionamento amoroso anterior, o que para a moral religiosa do Brasil no século XIX era considerado como adultério.

Luís Marcos também tinha um segredo que nunca chegou a ser revelado a ela. Na segunda carta do seu amigo, ficamos sabendo que a família que acolheu Luís, depois que supostamente seus pais o rejeitaram é a mesma que organizou a morte deles. Sendo assim, a herança do homem que o criou era na verdade fruto de um plano onde o pai do jovem, um rico proprietário de terras foi morto pelos familiares maternos de Luís Marcos.

Na obra, o tema adultério é analisado à luz da tese naturalista. A ideia de que o caráter da personagem fora forjado pela herança familiar e, pelas condições do meio, é uma das formas de justificar os fatos que levaram Laura a traição. A forma de punição que o traído encontra para se vingar da adúltera é uma tese diferente do que é proposto nos demais romances. O comum era a adúltera ser punida com a morte, juntamente com seu amante, a fim do enganado ser vingado.

Em um trecho do romance, onde Luís Marcos discutiu com seus colegas de estudo sobre traição, ele explicita que a morte social seria pior que a física para a adúltera.

Otávio e seus amigos defendem a conduta do marido traído. Ao passo que Luís argumenta de forma contrária, justificando que o homem casara com o que ele projetara sobre sua esposa, não com a sua pessoa real, pois ele não conhecia a família da jovem, tampouco o meio que ela fora criada. Portanto, seria o traído o culpado da traição que sofrera. Para Luís Marcos:

Há culpa em enganar-se em fato capital na vida, em expor-se a uma desgraça a que a sociedade tem aliado indissolavelmente a desonra. Tem razão nisto a sociedade? Entendo que só em parte, mas não é esta a questão: o fato, a positiva realidade, é que o marido da adúltera está socialmente desonrado; desde então, o adultério da mulher é, na vida real, um fato que o homem que é marido deve prever e evitar como uma infâmia que o desonrará mais do que a prevaricação, a calúnia ou o estelionato. E se o não previu, se o não

---

<sup>21</sup> MEYER, Marlyse. Op. cit, p.147

evitou, é, com certeza, culpado. (...) Matar a adúltera, nem seria eficaz, porque não poderia aniquilar com a culpada a recordação da culpa que o atingiu, que lhe acompanhará o nome como a sombra ao corpo.<sup>22</sup>

Nesta cena Luís Marcos e seus colegas de quarto, começam uma discussão sobre traição, baseado na leitura do romance *Processo Clémenceau*, de Alexandre Dumas Filho (1824-1895)., Nessa obra, o marido traído mata a esposa ao descobrir sua traição.

Fato é que Luís Marcos ao delegar a culpa da traição ao próprio traído – na obra de Alexandre Dumas Filho – não saberia que sua teoria parecia um presságio do que estaria por vir. E que ela seria aplicada dois anos depois quando descobriremos que fora traído.

Otávio, seu amigo e narrador, participa da narrativa como um defensor de Luís. Ele quem fica sabendo o segredo de Laura, que ela não era mais uma jovem pura, segredo que não parecia desconhecido pelos moradores das localidades onde Laura morava.

O amigo de Luís supõe que, Laura já poderia estar traindo o jovem antes mesmo deles se casarem, com um vizinho estudante de medicina muito próximo dos familiares da moça. Otávio decide, então, não escrever a Luís contando sobre o segredo de Laura, pois gostaria de contar a ele o que descobriremos pessoalmente. No entanto, Otávio é comunicado que por meio de um plano tramado pela família de Laura onde, Luís fora induzido a passar a noite na casa da jovem, mesmo não havendo nenhum tipo de relação entre os dois, os pais da jovem obrigaram o rapaz a marcar o casamento o mais rápido possível.

Neste romance podemos analisar como o autor trabalha com a ideia de como acontecimentos podem interferir na vida de uma pessoa e nas demais que convivem com ela. É nos transmitido à ideia de que toda a relação de Laura e Luís teria “começado errado”; portanto, seu desfecho já seria mais que esperado.

Como podemos presenciar na fala do personagem: Então, por que não enxergaste tudo que se oferece neste ponto de vista? por que não me arguis a impunidade, também, da família que educou mal a adúltera que teve família? Para estas outras culpas, todas menores, continuo a afirmar, que a do marido da infame, há a sanção da opinião pública: quando este elemento social for bastante poderoso,

---

<sup>22</sup> MENDONÇA, Lúcio. Op. cit p. 116

isto é, quando a sociedade for bastante moralizada, a lei jurídica refletirá a consciência pública, e o sócio da adúltera, cujo marido se houver suicidado, será, para os efeitos criminais, autor de homicídio, e a família da mulher será cúmplice e também passível de pena, segundo a gravidade de sua participação no crime...<sup>23</sup>

Para Luís, ele seria o culpado das traições de sua esposa, pois quantos segredos ficaram ocultos sobre o passado de Laura. Não obstante, tentasse afastar Laura de suas raízes de degradação, elas estavam presentes na essência da jovem.

Para o autor, a necessidade de trair Luís Marcos, não estava no fato da vida monótona que Laura levava no interior de Minas Gerais, depois que se casara. Mas, sim, na influência que Lina sua irmã exercia sobre a personagem.

Podemos também analisar como a estória de Lina se repete com Laura. Lina nas cartas de Laura fora noiva de um jovem, porém o noivado é rompido quando descobrem que a jovem não seria mais virgem. Por sorte Lina consegue se casar com o parente da sua família – rico proprietário de terras – que por ela foi traído. Tornando-se proprietária de todos os bens de seu marido, este acaba morrendo de desgosto. Por muito tempo tornou-se amante de vários homens ricos.

No caso de Laura ela também não se casa virgem, acaba traindo seu marido com um jovem estudante de medicina, traição esta acobertada por sua irmã. Luís Marcos se mata e Laura pode então, continuar seguindo seu destino assim como sua irmã. Esse argumento é um dos motivos que leva o narrador a suspeitar que as cartas de Laura a redação não teria sido escritas por ela, mas sim por algum amante que a conhecesse perfeitamente.

Portanto, por conta desse enredo cheio de aventuras, traições e finais trágicos que os romances de folhetins se tornaram um dos gêneros mais lidos do século XIX.

## **2.2. Caráter pedagógico-moral do romance *O Marido da Adúltera*.**

O público para quem Lúcio de Mendonça escreve sua obra – como já mencionado – consiste no feminino. Mas antes de analisarmos como o enredo de *O Marido da Adúltera*, como outros tantos folhetins buscavam construir um caráter

---

<sup>23</sup> Idem. p. 67.

pedagógico quanto à moral e os bons costumes das mulheres no Brasil oitocentistas, buscaremos analisar quem são essas leitoras e como se criou um estilo de romance próprio para elas

Segundo Gina G. Rafael<sup>24</sup>, no século XVIII poucas mulheres eram alfabetizadas. A educação das meninas estava atrasada em relação à dos meninos, a quem era estimulada a prática da escrita.

No século XIX a taxa de analfabetos no Brasil era muito alta e idéias relacionadas ao progresso do país estavam em voga. Uma das mudanças que o país deveria promover para progredir era alfabetizar sua população.

É nesse contexto que a instrução das mulheres às letras passa a ser mais aceitável. Contudo, só uma parte da população feminina, estava em condições de reunir as capacidades literárias, os meios financeiros e disponibilidade para aprender a ler e escrever.

Para Gina Rafael com surgimento do folhetim e sua popularização no Brasil é que as mulheres tiveram acesso a leituras de obras e periódicos, consistindo num dos principais públicos consumidores de folhetim. O romance-folhetim era um assunto de conversa diária entre as mulheres, que muitas vezes os cortavam e encadernavam juntos, materializando-o na forma de livro.<sup>25</sup>

O folhetim ajudou a criar e a consolidar o hábito de leitura, pois familiarizava e colocava a mulher perante um conjunto de ideias, que aos poucos foi se incorporando a sua realidade social, bem como funcionando como um meio de uma socialização secundária.

Por outro lado, a escolarização, o acesso à leitura e a procura de informação, abriram à mulher oitocentista, novas oportunidades e prepararam-na melhor para aceder à vida pública, na medida em que deixou de estar circunscrita à esfera da família.

Os romances de “leitura feminina”, segundo Hohlfeldt<sup>26</sup>possuíam enredos que enfatizavam características tidas como naturais da mulher como sensibilidade, irracionalidade e emoção, impondo o amor como ingrediente constitutivo, e essencial da identidade feminina.

---

<sup>24</sup> RAFAEL, Gina Guedes. Jornais, Romance-Folhetim e a leitura feminina no século XIX: Influências Transatlânticas? **Revista IRIS**, Recife, v.1, n.1, p. 32-42, jul, 2012.

<sup>25</sup> Ver: RAFAEL, GINA. Op. cit

<sup>26</sup>Ver: HOHLFELDT, Antonio. Op.cit.

Segundo Muzart<sup>27</sup>, foi também no século XIX, que se assistiu ao aparecimento e crescimento da imprensa feminina, a qual nos dá informações e nos permite definir com maior rigor o perfil da mulher deste século<sup>28</sup>.

Os romances folhetins eram considerados pelos literatos como um meio formador de opinião, muitas vezes buscou-se por meio dos enredos destinados ao público feminino, orientar comportamentos sociais, que uma dama deveria possuir para que pudesse ser considerada uma mulher respeitada. Para Valéria Augusti<sup>29</sup> o romance feito para mulheres deveria ser um manual de conduta, onde a “moral” do fim da história deveria sempre alertar a mulher a seguir uma vida casta e disciplinada, realizando atividades que lhe são de sua responsabilidade, sem questionar o que lhe fora imposto.

No folhetim *O Marido da adúltera*, Lúcio de Mendonça, busca por meio da estória de Laura, utilizá-la como um exemplo do que uma mulher íntegra não deveria fazer. Mesmo que todos os atos degradantes que Laura cometera fizessem parte de sua essência – e seu fim já estivesse destinado – à personagem era tudo o que uma mulher oitocentista deveria evitar ser.

No decorrer do romance, o autor levanta a seguinte hipótese: seria mesmo Laura que escrevera para o jornal? Para ele, as cartas pareciam ser escritas por alguém muito próximo à personagem; talvez, um de seus amantes. Seguindo essa hipótese do autor, o homem que possivelmente escrevera era quem condenara as atitudes da personagem e acreditava que sua conduta pudesse servir de exemplo a todas as mulheres dignas e alertá-las às conseqüências para aquelas que desrespeitassem a moral e os bons costumes.

---

<sup>27</sup> MUZART. Zahidé Lupinacci. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. Revista de Estudo Feminista, Florianópolis vol.11, no.1 Jan. 2003

<sup>28</sup> A imprensa feminina no Brasil teve início durante o século XIX, por volta de 1820. Um dos primeiros periódicos publicado por mulheres foi o jornal carioca “O Espelho Diamantino” lançado em 1827. A imprensa feminina no século XIX e início do século XX tinha duas direções bem definidas: uma tradicional que engrandecia as virtudes domésticas da mulher e condenava sua ação fora do lar – nesses jornais os principais assuntos publicados eram os relacionados e a moda e literatura. E outra que defendia os direitos da mulher, principalmente em relação ao direito de voto e educação.

<sup>29</sup> Ver: AUGUSTI, Valéria. Op.cit.

## CAPÍTULO 3

### A RECEPÇÃO DA OBRA

Neste capítulo procuraremos investigar a recepção do folhetim *O Marido da Adultera* de Lúcio de Mendonça.

Segundo Pesavento<sup>30</sup>, trabalhar com a recepção de uma obra literária permite ao historiador, analisar como um determinado grupo compreende as significações e concepções, que uma obra literária atribui a questões que estão diretamente ligadas a sua sociedade.

Portanto, o estudo da recepção de uma obra, permite ao historiador analisar a vida social, cultural, política e ideológica de determinada sociedade.

Pensar que as narrativas, sejam históricas ou literárias, ou outras, constroem uma representação acerca da realidade, procura-se compreender a produção e a recepção dos textos, entendendo que a escrita, a linguagem e a leitura são indivisíveis e estão contidas no texto, que é uma instância intermediária entre o produtor e o receptor, articuladora da comunicação e da veiculação das representações. Desta forma, há uma tríade a considerar na elaboração do conhecimento histórico, composta (pela escrita, o texto e a leitura. No que se refere à instância da escrita ou da produção do texto, o historiador volta-se para saber sobre quem fala de onde fala e que linguagem usa. Já ao focar o texto em si, o que se fala e como se fala são questões indispensáveis. No trato da recepção, visa abordar a leitura de um determinado receptor/leitor ou de um grupo de receptores/leitores, tratando das expectativas de quem recebe o texto, de sua contemplação, ou seu enfrentamento ou resistência a ele.<sup>31</sup>

Toda obra literária possui um público específico a serem direcionados seus argumentos. Os primeiros folhetins no Brasil, como mencionado, foram vistos por alguns intelectuais, como um veículo de comunicação para se transmitir conceitos e valores, elaborados pela elite governista, que tinha por objetivo criar a ideia de nação.

---

<sup>30</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

<sup>31</sup> Idem, p.69-70

Buscava-se, construir, uma consciência nacional que levaria a população da ex-colônia, cada vez mais, a se sentir fazendo parte de uma mesma nacionalidade, que fosse diferente da portuguesa<sup>32</sup>.

Muitos românticos brasileiros assumiram para si a responsabilidade da construção da nação. A educação era vista como uma espécie de missão e esses escritores utilizavam a literatura como instrumento pedagógico e moralizador. O *Marido da Adúltera* pode ser visto como um instrumento pedagógico social, por se tratar de um romance onde uma de suas funções, seria a de instruir as leitoras – seu público alvo – a moral e os bons costumes do Brasil oitocentista.

### **3.1. Concepções a respeito do autor, obra e construção do público leitor.**

Apesar de as obras de Lúcio de Mendonça não serem tão lidas e, nem terem se tornado “obras-primas” aos olhos da atualidade, o autor em sua época era bastante reconhecido. Suas obras eram amplamente divulgadas por seus contemporâneos, elogiadas e criticadas por vários ícones da literatura brasileira do século XIX.

O autor foi reconhecido pela crítica e pela sociedade de sua época por conta de suas poesias. *Névoas Matutinas*, de 1872, foi o primeiro livro do autor. Por meio do contato do seu irmão Salvador Mendonça com importantes literatos do século XIX, Lúcio de Mendonça conhece o respeitado literato Machado de Assis ao frequentar a redação do jornal *A República*.

Segundo Sussekind<sup>33</sup>, Machado de Assis, foi quem introduziu Lúcio de Mendonça à sociedade de letras do Rio de Janeiro. Ao escrever o prefácio do livro *Névoas Matutinas*, o literato tece as seguintes críticas:

Conhecia já há tempo o seu nome ainda agora nascente, e duas ou três composições avulsas; nada mais. Este seu livro, que daqui a pouco será do público, vem mostrar-me mais amplamente o seu talento, que o tem, bem como os seus defeitos, que não podia deixar de os ter. Defeitos não fazem mal, quando há vontade e poder de os

<sup>32</sup> Ver: DIAS, Rosália de Almeida. **O contexto histórico e as mudanças na recepção crítica de *A moreninha***. *Cadernos do IL*, Porto Alegre, n.º 45, dez. 2012. p. 19-38.

<sup>33</sup> Ver: Sussekind, Flora. Op.cit.

corrigir. A sua idade os explica, e não até se os pede; são por assim dizer estranhezas de menina, quase moça: a compostura de mulher virá com o tempo.

O público vai examinar por si mesmo o livro. Reconhecera o talento do poeta, a brandura do seu verso (que por isso mesmo se não adapta aos assuntos políticos, de que há algumas estâncias neste livro), e saberá escolher entre estas flores as mais belas. (...) Podemos afirmar que com seu primeiro livro, Lúcio começa a construir um pequeno público leitor que o acompanhara desde as mais belas poesias e crônicas românticas até os mais duros textos a respeito das crises sociais frutos de uma nação corrompida pela monarquia.<sup>34</sup>

Para que possamos analisar como a obra e, principalmente, as produções de Lúcio de Mendonça foram discutidas e analisadas por intelectuais de diversos períodos, recorreremos à perspectiva analítica da estética da recepção. E para tal, valemo-nos da obra de Hans Robert Jauss, analisando principalmente como as relações entre leitor, autor e obra constroem suas significações.

Em 1967, na Universidade de Constança, Hans Robert Jauss – maior expoente da Estética da Recepção – inaugura o método, em que seu principal objetivo recai na valorização do leitor que, ativamente, desenvolve os sentidos dos textos.

Em A história da literatura como provocação à teoria literária, Hans Robert Jauss<sup>35</sup>, analisa como a obra e os leitores estão intimamente relacionados. Em suas sete teses descritas em sete capítulos do seu livro, ele defende a criação de uma nova perspectiva para a história da literatura.

Defendo a idéia de que uma obra literária constrói sentido por meio da relação intrínseca com seus leitores, sendo que cada leitor atribui determinado sentido a sua obra, fruto da sua condição social e cultural.

Jauss, propõe, algumas possibilidades de se fazer mudanças na maneira de conceber a recepção das obras literárias e tece críticas à história da Literatura vigente em sua época. Para ele a teoria marxista, que, procurava demonstrar a ligação entre literatura e realidade social, considerando apenas como literárias obras aquelas que refletissem a situações relacionadas aos conflitos sociais de poder, não

---

<sup>34</sup> Assis, Machado de, 1839-1908. Correspondência de Machado de Assis : tomo II, 1870-1889 / coordenação e orientação Sergio Paulo Rouanet ; reunida, organizada e comentada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. – Rio de Janeiro : ABL, 2009. (Coleção Afrânio Peixoto ; v. 92

<sup>35</sup> JAUSS, Hans Robert. Op.cit.

contemplariam as relações que se estabelecem entre o leitor e a obra e suas significações.

Jauss formulou duas implicações a respeito da relação entre o leitor e uma obra literária. Para ele as atribuições resultariam na maneira como essa obra será recebida por seus leitores.

A primeira seria implicação estética. Ela estaria relacionada ao fato da recepção primária de uma obra pelo leitor, segundo Jauss a primeira avaliação dos leitores estaria em seu valor estético, ou seja, pela comparação com outras obras já lidas. A implicação histórica manifesta-se na possibilidade de, “numa cadeia de recepções, a compreensão dos primeiros leitores terem continuidade a enriquecer-se de geração em geração, decidindo, assim, o próprio significado histórico de uma obra e tornando visível sua qualidade estética”<sup>36</sup>

O leitor, para Jauss, tende a trazer para a realidade, fatos de textos ficcionais, bem como transportar para a ficção, fatos que se dizem históricos, dependendo do entendimento real que ele carrega em seu repertório, mediante leituras feitas em outras obras. Vejamos:

A obra literária não é um objeto que exista por si só, oferecendo a cada observador em cada época um mesmo aspecto. Não se trata de um monumento a revelar monologicamente seu Ser atemporal. Ela é, antes, como uma partitura voltada para a ressonância sempre renovada da leitura, libertando o texto da matéria das palavras e conferindo-lhe existência atual.<sup>37</sup>

De acordo com Jauss , existe um saber prévio que determina a recepção da obra pelo público leitor. Denominado “horizonte de expectativas”, ele estaria acima da compreensão subjetiva e particular de cada leitor. A recepção da obra surge como um fato social e histórico ao situar as reações individuais de cada leitor dentro de um universo mais amplo no qual cada indivíduo está inserido.

E como a obra e o autor estão condicionados pela sociedade, o público ou a comunidade imaginada apresentada pela literatura, é interpretado como semelhante a um grupo social específico, que é entendido como seu portador e suporte. Nestas condições, pode-se afirmar que o processo de formação do público literário inicia-se, portanto, dentro do texto, mas termina fora dele.

---

<sup>36</sup> Idem, p.23.

<sup>37</sup> Idem, p.25.

O teórico propõe uma nova perspectiva de encarar o papel do leitor, colocando-o na posição de um terceiro elemento na formação da história da literatura. Concluindo que se deve buscar a contribuição específica da literatura para a vida social, precisamente onde a literatura não se esgota na função de uma arte da representação.

### **3.2. Significado de Lúcio de Mendonça e de sua obra na época da produção do romance.**

Pelas palavras de Pedro Lessa (1859-1921), em seu discurso de posse como integrante da Academia Brasileira de Letras, pode-se inferir como Lúcio de Mendonça foi visto e compreendido por seu público leitor de diferentes períodos. Lessa usa as seguintes palavras para descrever a vida e obra do autor:

Percorrendo-lhes as poesias, mesmo os olhos profanos, como os meus, vêem que ele não fazia parte dessa família, nascida mais tarde, de cinzeladores do verso, dominados pelo culto meticuloso da forma e pela obsessão da arte, que tão fina e tão profundamente sabem combinar a análise e a síntese e da qual são membros preeminentes Alberto de Oliveira, Raimundo Correia, Olavo Bilac, Augusto de Lima e alguns poucos mais.

Filiava-se a fase inicial do poeitar de Lúcio em uma feição literária, muito brasileira, que tem suas origens em remoto período de nossa história. Não lhe podemos reler as primeiras trovas, sem recordar a impressão que teve Machado de Assis, o mestre inolvidável, quando lhe prefaciou o livro de estreia: sendo o amor o assunto predileto do poeta, a nota predominante em suas composições é a nota elegíaca.<sup>38</sup>

Antes de analisarmos essa declaração de Pedro Lessa, devemos salientar que seu discurso fora produzido justamente para enaltecer as qualidades de Lúcio de Mendonça, dono da cadeira da Academia Brasileira de Letras, que estaria sendo entregue a Pedro Lessa no momento do discurso.

Ao longo das pesquisas feitas para a composição deste trabalho, as críticas encontradas acerca da vida e obra de Lúcio de Mendonça, foram sempre positivas, enaltecendo o talento do autor e sempre fazendo referência as suas obras poéticas.

---

<sup>38</sup> Discurso de posse da cadeira nº11 proferido em 1910 Apud: PADILHA E PENAFIEL. **Lúcio de Mendonça: o homem e a obra: antologia precedida de dados bibliográficos e texto introdutório** [Org. ] Orlando Meirelles Padilha e Eliane de Mendonça Penafiel. RJ. O. Meirelles Padilha, 2000.

Contudo, no que diz respeito a seu único romance publicado, a pesquisa poucos dados encontrou acerca de sua apreciação pelos pares letrados. Um dos textos localizados foi o da pena do jornalista Urbano Duarte de Oliveira (1855-1902), publicado no jornal *A Gazetinha* – documento que será analisado adiante nesse trabalho -, que restringia a parabenizá-lo por seu sucesso no jornal *O Colombo*.

Por identificarem as ações de Lúcio de Mendonça, voltadas para a militância do partido republicano, pouco crédito se deu as suas produções literárias. Também são poucos os estudos que tratam da vida e obra do autor, sendo muitas vezes “esquecido” pela contemporaneidade juntamente com outros literatos que influenciaram o modo de pensar de seu tempo.

Como analisado por Jauss, a obra e seu público estabelecem relações indissociáveis. Como analisamos, Lúcio produz uma obra para atingir e transmitir seus conceitos e significações a um determinado público pré-estabelecido.

Por se tratar do primeiro romance produzido pelo autor, o assunto que ele escolheu para ser o tema principal do seu enredo é a traição. O tema é trabalhado sob a perspectiva patriarcal e moralista, características da sociedade brasileira do século XIX.

Podemos, afirmar, que Lúcio de Mendonça concebe a traição de uma perspectiva nova para sua época. O desfecho resulta na morte de Luis Marcos, o traído, diferentemente das outras obras onde quem morre é justamente quem teria o direito nessa sociedade patriarcal de matar os traidores.

Devemos nos perguntar se a morte do Luís Marcos teria sido uma forma correta de se vingar da traidora? Será que Laura sofrera a punição que Luís Marcos desejara a ela, que seria a exclusão social e a culpa pelo resto de sua vida?

É sob esse aspecto que o romance testemunha a operação que Jauss designa como “distância estética”, já que se assume considerável intervalo entre o que os escritores faziam e seus contemporâneos pensavam. O epílogo do romance é algo diferente do que os leitores estavam acostumados a ler.

Segundo Jauss a experiência da leitura pode liberá-lo [o leitor] de adaptações, prejuízos e constrangimentos de sua vida prática, obrigando-o a uma nova percepção das coisas. O horizonte de expectativas da literatura distingue-se do horizonte de expectativas da vida prática histórica, porque não só conserva experiências passadas, mas também antecipa a possibilidade irrealizada, alarga o

campo limitado do comportamento social a novos desejos, aspirações e objetivos e com isso abre caminho à experiência futura.

Provavelmente, o romance, tenha sido bastante discutido. Contudo, pela falta de estudo a respeito do autor, pouco se sabe sobre a discussão que seu romance possa ter suscitado. Para compreender como a obra de Lúcio fora recebida pelo público leitor, um trecho retirado do jornal *A Gazetinha*, escrito por Urbano Duarte de Oliveira enfatiza:

A estréia de Lúcio de Mendonça no romance foi assaz prometedor. O marido da adúltera é um livro interessante que se lê de um só fôlego. Para um romancista novel a tese de que tratou foi o que se havia de mais ousado. O estilo possui sobriedade e colorido. Sobriedade demais talvez, pois o assunto comportava o mais largo desenvolvimento. Em todo o caso, é um livro que convida à controvérsia e está a provocar uma esplêndida réplica literária. [...] <sup>39</sup>

Em nota ao jornal *A Gazetinha*, Urbano Duarte de Oliveira parabeniza Lúcio de Mendonça pela forma como conduziu a obra, mas acima de tudo analisa como o desfecho do autor fora em suas palavras ousado para sua época. E, sobretudo, dá a entender que foi alvo de polêmica.

Lúcio desenvolveu sua trama utilizando um tema que já havia sido bastante discutido por autores como Machado de Assis e Eça de Queiroz . Sendo assim, o romance de Lúcio de Mendonça, estabeleceu um diálogo com o "horizontes de expectativas" de seus leitores.

Ao inovar em seu desfecho, o autor proporciona uma ampliação das experiências do leitor que podem ser entendidas de forma positiva ou não. A obra cria expectativa, mexe em sua lembrança e o conduz a determinada postura emocional, pois é ela que examina a experiência literária do leitor.

A obra predetermina a recepção, oferecendo orientações a seu receptor; cada sujeito pode reagir individualmente a um texto, mas a recepção é um fato social. A forma como um leitor compreende uma obra está relacionada intimamente com sua postura social: se o que o autor busca transmitir é a compatível com a realidade social do seu leitor, a obra tende a ser aceita com mais facilidade e, até mesmo, indicado para leitura a terceiros.

---

<sup>39</sup> OLIVEIRA, Urbano Duarte- "A Gazetinha", 21/05/1882. Apud PADILHA e PENAFIEL, 2000, p.28

Portanto, para cada obra lida, no instante da leitura, as reflexões do leitor se fazem atualizadas pelos fatores literários que os relacionam com os acontecimentos vividos ou lidos por ele, em situações propícias para sua recepção. A maneira como a obra *O Marido da Adúltera* foi lida e compreendida em sua época de produção é totalmente diferente da maneira como a interpretamos hoje. Apesar de assuntos como traição ser tratado em todas as épocas, cada sociedade atribui seus próprios significados a uma obra. Com isso busca-se, demarcar, que as obras literárias nem sempre podem ser vistas como universais.

Como o horizonte de expectativas varia no decorrer do tempo, uma obra que surpreendeu pela novidade, pode tornar-se comum e sem grandes atrativos para leitores posteriores. Por isso, as grandes obras serão aquelas que conseguirem provocar o leitor de todas as épocas, permitindo novas leituras em cada momento histórico.

Podemos, portanto, levantar a hipótese de que alguns autores e obras como é o caso de *O Marido da Adúltera*, não são obras lidas nem conhecidas por leitores da nossa contemporaneidade por conta do seu discurso e valores não fazer sentido para nossa época.

Jauss<sup>40</sup> propõe algumas relações atuais do texto com a época de sua publicação. Neste caso, utiliza-se da hermenêutica para examinar melhor as relações do texto com a época de seu aparecimento. O texto responderá a necessidades do público com o qual dialoga:

A reconstrução do horizonte de expectativa sob o qual uma obra foi criada e recebida no passado possibilita, por outro lado, que se apresentem as questões para as quais o texto constitui uma resposta e que se descortine, assim, a maneira pela qual o leitor de outrora terá encarado e compreendido a obra<sup>41</sup>

Significa descobrir como o leitor da época pode percebê-la e compreendê-la, recuperando o processo de comunicação que se instalou, no momento em que a obra foi lançada.

---

<sup>40</sup> JAUSS, Hans. Op.cit

<sup>41</sup> Idem, p.35

O teórico destaca a relação literatura e sociedade, pois, esta relação literária pré-forma à compreensão de mundo do leitor, repercutindo então em seu comportamento social. Afirma que essa leitura abre novos caminhos para o leitor, no âmbito da experiência estética, pois o leitor será capaz de visualizar aspectos de sua prática cotidiana através da literatura e será afetado pelo que se representa identificar-se com as pessoas em ação, dar-se-á assim livre curso imaginativo pelas emoções despertadas.

Portanto, para Jauss:

A função social somente se manifesta na plenitude de suas possibilidades quando a experiência literária do leitor adentra horizonte de expectativa de sua vida prática, pré-formando seu entendimento de mundo, e, assim, retroagindo sobre seu comportamento social.<sup>42</sup>

Em suma, o estudo da recepção de uma obra literária nos permite analisar como o autor concebe – mesmo que indiretamente – ideologias a respeito de problemas ou discussões sociais e culturais de seu tempo. Sendo essas concepções um dos fatores relacionados a forma como a obra será recebida por seu público e pela crítica literária.

---

<sup>42</sup> Idem, p. 50.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *O Marido da Adúltera* de Lúcio de Mendonça, nos permitiu reconstruir parte do trajeto da vida e a obra de um dos literatos mais atuantes nas últimas décadas do século XIX que, infelizmente, se tornou como tantos outros louváveis escritores, personagens obscuros em nossa contemporaneidade.

Constatamo-nos, para que uma produção literária se torne “obra-prima”, ela deve possuir elementos em sua construção narrativa, que possam fazer sentido não só para seus contemporâneos, mas para as sociedades e culturas posteriores a sua.

Pôde-se, levantar a hipótese de que o romance de Lúcio de Mendonça não tenha sido tão reconhecido pelos leitores da sua época, nem pelos leitores de épocas subseqüentes, pelo fato do desfecho da trama ter sido tão original.

Para os valores morais de sua época ou até mesmo para a atual, a idéia de o traído ter se matado quando ele teria o direito de matar a adúltera e seu amante, seria um desfecho que favoreceria a adúltera, pois nada a impediria de recomeçar sua vida em outro lugar, onde sua estória não seria conhecida.

Entretanto, ao analisarmos a recepção da obra, poucas críticas literárias foram encontradas. Mas sobre as críticas a respeito vida e as obras poéticas de Lúcio, podemos constatar que o autor era um homem bastante reconhecido e influente em sua sociedade.

Os poucos estudos produzidos a respeito de Lúcio de Mendonça foram feitos por integrantes da sua família, onde sua militância republicana é a principal característica ressaltada.

Foram produzidos também um livro e uma palestra a respeito da vida e obra do autor, feito pela Academia Brasileira de Letras, porém a respeito do seu romance *O Marido da Adúltera* poucas palavras se falou a respeito.

Portanto, conhecer um autor e sua obra nos permite analisar como os elementos sociais presentes em sua época são representados na obra e, principalmente, como as produções literárias podem ser usadas como uma forma de representação social e histórica de determinadas épocas, por conterem a reelaboração de vários valores culturais e morais de uma época.

Esse testemunho social é permeado pelo olhar, percepção e leitura da realidade feita pelo autor, muitas vezes, sendo a interpretação do agente frente aos valores, regras, atitudes e formas de sentir presentes em sua sociedade.

## REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. “Vida Privada e ordem Privadano Império”. In: NOVAES, Fernando (org.). **História da vida privada no Brasil: Império**. São Paulo, Cia. das Letras, 1997.

AUGUSTI, Valéria. O caráter pedagógico-moral do romance moderno. **Cadernos Cedex**, pg. 89-102 nº 51, novembro/2000.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourrette. Mídia, Cultura e Revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DIAS, Rosália de Almeida. **O contexto histórico e as mudanças na recepção crítica de A moreninha**. Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 45, dez. 2012. p. 19-38.

HOHLFELDT, Antonio. Deus escreve direito por linhas tortas. **O romance Folhetim dos Jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900**. Porto Alegre: EDPUCRS, 2003. (Coleção Memória das Letra, 12)

JAUSS, Hans Robert, **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. De Sergio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1991.

MEYER, Marlyse. **Folhetim: Uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996

MUZART. Zahidé Lupinacci. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. **Revista de Estudo Feminista**, Florianópolis vol.11, no.1 Jan./June, 2003

PADILHA E PENAFIEL. **Lúcio de Mendonça: o homem e a obra: antologia precedida de dados bibliográficos e texto introdutório** /[Org. ] Orlando Meirelles Padilha e Eliane de Mendonça Penafiel. RJ. O. Meirelles Padilha, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

RAFAEL, Gina Guedes. Jornais, Romance-Folhetim e a leitura feminina no século XIX: Influências Transatlânticas? **Revista IRIS**, Recife, v.1, n.1, p. 32-42, jul, 2012.

SOUZA, Ariane Carvalho. **Presença do Naturalismo Francês no Romance Epistolar: O Marido da Adúltera de Lúcio de Mendonça**. 2012. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências e Letras de Assis. UNESP. SP. 2012.

SUSSEKIND, Flora. O Romance epistolar e a virado do século: Lúcio de Mendonça e João do Rio. In \_\_\_\_\_. **Papéis Colados**. Janeiro: UFRJ, 1993.

